

**CLAUSURA E CONTRATO SOCIAL:**  
*De Como Nunca se Está Só*

**Victor Excelsius**

**Palavras-Chave:** clausura, solidão, subjetividade, compromisso

## Objetivos

Podemos pensar na prisão e no convento enquanto enclausuração. O que leva uma pessoa a ir para o convento? Poderão ser opções de grupo, ou seja o que parece uma necessidade de estar só é uma necessidade de viver em comunidade, mas viver desapegado deste mundo, o mundo dos media e da rua. Assim, os níveis de obediência também se verificam de modos distintos: enquanto no convento há umas regras, na prisão outras, a lei criminal, nas ruas há uma lei própria, vagamente aceite por todos. Mas, mesmo assim, tanto nos conventos quanto nas prisões (e não queremos dizer que umas se equivalem a outros no sentido ético), há canais de comunicação; uma prisão não está isolada do mundo, tal como um convento não o está.

## Desenvolvimento

### 1. O DESERTO DO SER

Sem amor não é possível um compromisso com a vida. Mas...o que é o amor? E temos necessidade de compromissos com a vida? Não é a ideia de finitude, de morte, de acabamento do sujeito, que guia as nossas opções mais ou menos estruturadas, tanto a nossa vontade quanto a nossa necessidade de contrato?

Eu saio da barriga da minha mãe e faço logo um contrato com a sociedade em que vivo e desenvolvo o meu Ser. Ninguém é uma ilha. Então, qual a razão da clausura? Porque procuras o Deus Vivo no lugar onde menos o esperas encontrar? Charles de Foucauld, por exemplo, foi, por respeito à religião, para o deserto, talvez mais para se encontrar a ele mesmo por via de uma vida abnegada de trapista...

Quais, então, as verdadeiras razões para um homem ou uma mulher, embarcar na vida religiosa, será por fuga a uma vida social, sexual, plena de compromisso, de contrato? Será por desprendimento dos bens ou por opção pelo valor intrínseco da vida religiosa, monástica, para abraçar e abarcar um ideal que não pode ter mais lugar senão ali, no lugar sagrado do convento e no lugar sagrado do seu coração orientado para Cristo?

Tenho defendido a tese de que a vida religiosa é um regresso a um estado de primitivismo, de ingenuidade, face a um mundo complexo, de violência gratuita e argumentação. Ou seja, no contexto da cidade, a maior parte derrime argumentos, como no estilo rap, para argumentar em

favor da sua casa, mas a hermenêutica teológica é menos elaborada do que a filosófica, todos sabemos disso e, em certo sentido, nalgum lugar, a filosofia mistura-se com a teologia, sendo que esta se veio a debruçar sobre itens distintos dos tradicionais, quer de si mesma, quer daquela. Porque, antes de mais, o convento é um lugar de poesia, entregue a Deus, o Ser está em *dasein* místico, entregue ao transcendente e mesmo a carne, do lugar, ali se prostra, carregada do cansaço do excesso do ruído e das relações mais ou menos problemáticas, diria até, psicóticas, da cidade, do contexto urbano. Diria até mais: a aldeia é um convento a céu aberto.

Mas há um elemento estranho a tudo isto, a todas estas considerações, se a vida contemplativa existe por si, no convento, qual a razão de um elemento estranho que se intromete na paz que queremos atingir em vida, no seu ascetismo e silêncio da alma? O que pode perturbar uma relação íntima com Deus? Talvez uma relação ínfima e, como de costume, a carne, o desejo, os sentidos, este é o dilema de todo o homem, de toda a mulher, o dilema carne-espírito. Mas, qual a raiz filosófica de tal conflito? O porque ele se planteia obrigatoriamente na vida religiosa? Tudo tem que ver com opções de vida, com a diversidade das vidas que a vida religiosa adopta...

Tudo porque o sujeito tem consigo uma grelha de análise anterior à vida que vive no presente, e é por isso que vive a vida do presente, a via do momento, tem portanto também uma greta por onde se esvai o seu Ser, quando, em termos sartreanos, precisa de fugir, de fazer esvaír o seu desejo para um beco, para a imensidão de uma cama desfeita...

Ainda assim, o íntimo do homem, seja em português seja em francês, vive da obscenidade, de um segundo plano no panorama do corpo, dos estudos sobre o corpo e é assim, pois, que sobrevive, porque assoberbado de desejo, mesmo no contexto da contemplação. Por isso, a religião não é acto, ou seja, não é função do corpo e a santidade é negação da imanência, do desejo, e esvaziamento do Ser e da intenção, para outro lugar, para outras instâncias, ainda assim, para o Outro. Se eu não desejo, tu desejas, pode dizer-se acerca da vida no convento, desprezo o meu corpo e os meus sentidos para uma devida função, reprodutiva ou de "jouissance", porque ele pertence a Deus, logo a todos... Mas, nem todos são Deus e, na verdade, que pessoa é essa Deus?!...

Pede-se, por isso, uma religião além do desejo, além do excesso, um Deus como o de Camus, em pleno deserto argelino, que dê uma resposta ao homem para além do seu desnorte, como Moisés, além mesmo da sua dúvida, da sua dívida...

## 2. O MANANCIAL DO SER

Equacionamos, então, vida laica, mundana, sem bem que a laica pode bem ser sagrada, e vida consagrada, contemplativa, oferta a Deus.

Um dos outros dilemas da vida religiosa é o amor a Deus. Na vida das famílias, nenhum homem gosta de ser deixado para atrás; ou seja, se a mulher diz que gosta mais de Deus do que do seu marido, isso fere a masculinidade do homem e fere o seu respeito humano. Não se pode amar o Homem através de Deus? Ou será Deus através do Homem? Não é a religião uma resposta, mais ou menos cabal, para as angústias humanas? E, no entanto, isso não invalida a ontologia da vida religiosa, consagrada, o seu valor metafísico, tático, prático... Em Braga, conheci dois santos, um dos quais pouco falava, o Frei Marinho, que tinha reputação de santo em Braga, o outro, o Frei Guimarães, expansivo, comunicador emotivo, espontâneo, ambos serviçais. Sim, poderia ter continuado, podia ter lá ficado, era Deus que estava comigo e, naquele lugar, deixou de estar para mim e passou a estar para os Outros...

Então? O que procura o homem? Nem todos procuram a submissão a uma ordem que a Igreja confere, muitos desenvolvem espírito crítico acerca das coisas, estaremos todos doentes à procura de uma muleta para arrepiar caminho? Ora, Deus não pode ser muleta, Ele é o nosso interior, és Tu e Eu, no âmbito não tanto do Ser, porque o Ser não sai do lugar e quando sai só causa estragos os mais diversos de âmbito escolástico, mas o Pertencer, estar em conjunto, que tem de ser progressivo, de ser mediado, medido, articulado no quotidiano. Porque não podes pertencer demasiado, vais para o convento. Muitos pensam que desististe da vida social, dos favores e das corruptivas atitudes mais ou menos facilitadoras de uma vida social mais ou menos estável, ainda que tensional. Deixas tudo porque queres ser livre, deixas tudo porque queres viver, entre três registos, o do senso-comum, o da especulativa solidão e o da solidariedade monástica...

### 3. O PERTENCER

Mais, diremos, em vez do Ser, o Pertencer.

E pode haver um contrato social com Deus? Tudo desemboca no utilitarismo, a vida do homem é feita disso, de praticidade, das concreções, da luta pela comida e pelas mulheres, o dote, a boa condição económica, a luta pelo status. Se não tens isso, tens o quê? Um Deus aleatoriamente vago que te dá tanto consolo quanto a filosofia? E se fôssemos todos filósofos? Seria o caos...

De algum modo, temos um Deus stressado, deprimido, que não pode mais com esta globalização que vai reafirmando o mundo como lugar de conflito, enquanto os religiosos pregam a paz, outros desfazem o seu intento e acções e acabam por deitar abaixo uma obra de decénios, de séculos, como está a acontecer na Ucrânia e nos EUA a propósito do aborto...

Para além dos fundamentalismo, enquanto uns se desenrascam pela autonomia de uma certa razão utilitária, outros acentuam a bondade de coração, ora porque têm problemas, ora porque também estão stressados, pois nunca viste um rico, um milionário, pedir ajuda a Deus e mesmo a Igreja precisa de dinheiro para continuar a disseminar a sua mensagem, é a lei do mercado civil...

Então, porquê continuar a aposta no Ser? Porque não apostar no Pertencer? Porque muitas pessoas têm demasiados fantasmas e preferem estar sós pois lhes move uma revolta, uma sede de vingança face ao Outro, ao Mundo. Pessoas essas mal resolvidas, mesquinhas, num universo social de chico-espertismo que não leva a lado nenhum.

Diremos por outro lado: a razão é inimiga da fé? Já Teillard de Chardin se colocava esta questão? Não há um certo sentido de matreirice mesmo no âmbito da fé, da adesão radical a Deus? Claro que há, uma oportunidade, um situacionismo, que os filósofos colocam no âmbito da causalidade e do determinismo e os antropólogos no âmbito do relativismo, do papel social que eu preciso de cumprir para me sentir bem, para conquistar e garantir o meu lugar ao sol... Não será esta questão uma forma mais ou menos subliminar de oportunismo social, diríamos até, de evolucionismo? A América vive disso, respira esse sentimento através da sua cinematografia, da sua arte, da sua ânsia de liberdade individual au-delá de uma certa antropologia social que é meramente britânica...

Então, porquê insistir no Pertencer, quando todos querem Ser? Ser em *dasein*, ser para o Outro,

para o Deus, afirmar-se em função não só de um desiderato, mas da aplicabilidade de um desejo, de uma emoção, de um tempo e momento que há-de vir? Neste sentido, não poderá a felicidade ser o que já é, em vez de ser o que não é?

#### 4. A ALEGORIA DOS SENTIDOS

Se há um certo delírio nos sentidos e sua satisfação, também o há na sua negação. Veja-se Santa Teresa de Ávila, *As Moradas*, ela, ao negando as paixões, reafirmou-as, sublimizou-as em favor tanto de um Deus quanto de uma biografia, de um modo de estar, de pertencer. O que te mais surpreende na vida social é que há sempre um aspeto de taticidade e tenacidade no sujeito, ou seja, o homem é além de um ser social, sociável, um homem utilitária, económico, que tem que ver com a sua sobrevivência enquanto ser social. É claro que muitas vocações religiosas têm que ver com cansaço e até com inaptidão para a vida social, laica, profana. O transcendente é a melhor defesa de que quer ficar sózinho, como o Conde de Monte Cristo no seu cárcere, congeminando vingança...

Portanto, há um certo cálculo tanto no âmbito libidinal, quanto no âmbito místico, sobrenatural, tal é inato ao homem, calcular as suas energias (*energeia*) em função de um resultado que quer obter, de um objetivo, de um desafio...

Então, face à sublimação do Ser, temos a sublimação dos sentidos, como se eles, como tatuagem, nos firmassem a um lugar aqui, de identidade, de pertença, de nacionalidade, como se o ser português fosse uma forma de afirmação do Ser, por relativo ao Ser espanhol, ao Ser francês... Uma sublimação dos sentido e, no convento, uma negação dos sentido, pelo menos pela regra, pois há muitos que escapam a tudo isso e se servem da regra para afirmar suas parafilias, sua doença e docência do habitar humano, além do simples desejo do Estar, em consonância, em relatividade...

Então temos: os sentidos/negação dos sentidos. Então os prazeres da vida monástica? Um bom vinho, ou licor, como por exemplo de Singeverga, os doces conventuais, numa des-localização do desejo própria de quem precisa de afirmar a sua transcendentalidade em função da negação da genitalidade, como diria Iturra.

Assim, a religião surge enquanto território, a defender, do sagrado, obviamente, como se do outro mundo viessem cavaleiros Cruzados aptos a defender uma mensagem, um ideal, enquanto

outros fundam novas igrejas e conhecem e propalam novos ideais, a Igreja permanece firme, correndo até o risco, perante a opinião pública, de parecer desactualizada face à voragem do mundo, quando, afinal, é isso o que a conserva intacta e credível face às coisas do mundo que se desenrolam diante dos nossos olhos mais ou menos críveis, mais ou menos pagãos ou até descrentes, ignotos de que há um mundo no convento que tem que ver com felicidade, pois o convento não é negação de nada, muito menos de uma vida social, que se teve ou que nunca se teve, é por Si Mesmo Pertencer a algo, a Deus, a qualquer coisa que está em construção, em desenvolvimento, em afirmação. Daí o lugar da oração, quando outros preferem lutar MMA ou fazer assassinatos nas escolas com armas do exército. Mesmo os filmes americanos deixaram de ter interesse, por a fórmula é quase sempre a mesma e o final feliz não passa de uma ficção utópica, de ilusão em ilusão até ao final de um mundo e de uma concepção do homem pouco transformadora, pouco feliz, pois joga com a desordem dos instintos que é, antes de mais, a agressão do Outro... E isso deixa lugar a uma Igreja pouco credível, envolta em nevoeiro e mistério, apologética de razões e soluções cada vez mais intrincadas, onde o Ser flui por lugares e concatenações existenciais que tem que ver com um desespero do viver...

Que lugar existe então para o padre nos dias de hoje, um lugar que não seja nem antropólogo nem assistente social? Um lugar de *rea-firmação* do sagrado onde ele menos se espera, (encontrar, difundir), um lugar onde Deus aparece quando o homem falha, quando soçobra a sua ânsia de vitória e egoísmo, no esforço para trazer comida para a mesa, no âmbito de uma pastoral da família? Eis aqui o momento para salientar o trabalho das religiosas nos mais vários âmbitos da vida social, pelo menos em Portugal e o papel da Igreja em termos sociais no nosso contexto social, nacional, identitário. É que, supeito, ao fim de tanto tempo, ainda há muitos, ou pelo menos alguns, que vêm qualquer coisa de mal na Igreja, que vêm mal onde ele não há, espíritos sem dúvida desequilibrados e púberes, pouco desenvolvidos para compreender que a vida social tanto tem de bom quanto de mal e se acentuarmos a nossa atenção no âmbito do mal, do mau, estaremos até negando-nos a nós próprios, pelo que há que ser positivos, porque Cristo, apenas de ter tido a pior das mortes, sempre permaneceu positivos, como os santos e tal não tem que ver com masoquismo ou outra qualquer parafilia ou patologia, Ele sabia o que estava a fazer, por isso é eminentemente prática, afirmativa, a sua mensagem pelos séculos dos séculos.

## 5. UM MUNDO PATENTE

O Mundo está aí, então patente, podemos escolher entre a vida monástica, contemplativa e a vida profana, social, mesmo que possamos ir à Missa, à Sagrada Eucaristia, todos os dias ou, pelo menos, todos os Domingo, participar de qualquer coisa de importante que não tem que ver com as luzes da ribalta dos actores e actrizes dos vários géneros cinematográficos e que tem que ver antes com uma necessidade intrínseca de paz e de respeito por nós-mesmos e pelo que nos rodeia, porque a religião é regra e com ela, antes de mais, respeito pelo corpo. Muitos santos passaram da obscenidade para a santidade, sendo que, em princípio, a religião não se dá bem com os instintos, com a sexualidade, pelo menos a católica, aprendemos com o tempo a dar tempo aos prazeres do corpo e a tentar, intentar, outro tipo de felicidade, a do espírito, quando para os hindus o sexo é sagrado. Teremos feito algo de errado e com isso muitos filósofos, em separar a mente do corpo? Parece que andamos para a frente, sem dúvida que andamos, como tanto progresso, dinheiro, fama, poder, sexo, mas com a cabeça virada para trás e isso é próprio de um jumento civilizacional...

É triste observar como estas coisas estão tão divididas, como o desejo floresce sob a angústia (Kierkegaard), como o corpo está separado da mente, que foge para cima, como o olhar do asceta que, por tanto desejar o corpo, acaba por negá-lo, por transfigurar a sua ausência metodológica. Porque, afinal, desejar é não-desejar, é ignorar, só possui (um corpo) que o nega na sua integralidade, quem, na verdade, não o quer...

Que segredo haverá em tudo isto, porque é que as freiras não têm vida social, sexual e porque é que o corriqueiro cidadão do dia-a-dia não pode ser um asceta, um místico? E porquê a insistência da Igreja nas relações assexuadas, ou seja, não será este pressuposto católico, cristão, religiosa, negar a verdadeira felicidade ao homem? Sim, a verdadeira felicidade? Porque, antes de mais, somos todos diversos e tudo se encaixa mais ou menos bem um certo âmbito na esfera da acção. Porque Deus, o nosso Deus, é um demiurgo, uma inteligência ordenadora, há que confiar nisso, ou seja, Ele faz acontecer no deserto, onde não há nada, o Nada, onde nunca houve nada, o Nada...porque há diversidade, imensa diversidade, no existir, no acreditar, no Pertencer e não temos obrigatoriamente de pertencer (todo o tempo), todos precisamos de uma pausa, de pensar, do Pensar...



E porque, também, o êxito é inimigo do trabalho, do êxito propriamente dito, do génio, do reconhecimento, porque quando obtemos este, pensamos que está tudo feito, que não temos mais caminho por onde andar, quando sabemos que o caminho se faz caminhando, fazendo sempre qualquer coisa, estando sempre ocupado com uma tarefa ou outra como Jesus, que era carpinteiro e projectou muito tratados teologias, muitos da patrística, como São Boaventura, São Bernardo do Claraval, São Tomás de Aquino...

Mas, quereis maior argumento que a bondade, a bondade do coração e da razão, entre a relação por vezes difícil entre sujeito, indivíduo, e corpo social, em termos orgânico ou mecânicos, como terá dito Émile Durkheim? Assim sendo, o mundo dá, o mundo tira, umas vez nos sentimos felizes, estando apaixonados ora pela realidade ora por uma pessoa em contexto, ora por um ambiente, uma passagem da Bíblia que faz sentido eminentemente casuístico, ora nos sentimos em baixo, deprimidos, pouco preenchidos.

Vidro e água, são ambos transparentes, ambos refletem o que está alé deles. Assim é a vida cristã, transparente, plena de valores, símbolos e significados, enquanto outros não querem saber, vão para a praia onde estão dezenas de dias e voltam a encher chouriços todo o anos, numa corrida de tanto afã tanto pelo prazer quanto pela realização num determinado âmbito profano, como se a vida fosse uma corrida, uma prova, um teste, como se não pudesse haver lugar ao pensar, porque hoje em dia ninguém quer pensar, mesmo aqueles que estão dentro das universidades, pois estas tornaram-se um negócio, mesmo em ciências humanas. Mais uma vez, para encher chouriços.

Então, como havemos de viver a vida, seguindo a ideia de Peter Singer? Será melhor uma vida conventual ou uma vida social, sabendo nós que também a conventual é social, talvez até mais intensa do que a vida cá de fora, da rua, do café, das vozes que te criticam e condenam, ou porque não fazes as coisas bem ora porque não agradas a todos, ora porque as pessoas têm sempre alguma coisa a dizer, sobretudo as menos instruídas. Qual, na verdade, o sentido da vida, além ou aquém destas duas modalidades sociais? Como havemos de viver? Sim, como havemos de viver, quando muitos nem sequer se preocupam com isso, com essa questão na sua vida, enquanto outros passam a vida a pensar, a escrever, a falar, no âmbito de uma civilização ocidental que despreza o passado e o futuro e pouco respeito tem pela reflexão e pelo pensar, vive o momento, pela testosterona, pelas hormonas ou até por outra coisa, pela maldade e pela doidice.

Seja como fôr, o sonho dos filósofos e cientistas sociais não se pode realizar, ou seja, o seu alvo está em constante movimento, a verdade, o sentido da vida, as pessoas, estão sempre se alterando, adaptando, evoluindo, podemos dizer em termos darwinistas, mesmo aquele que lhe deu Teillard de Chardin. AS pessoas, nomeadamente, são um „alvo“ em movimento, ou seja, mesmo no Orwell **1984** têm qualquer coisa de insondável, qualquer coisa que escapa ao cientista, ao analista...sobretudo porque Deus não está com ele, porque ele está por si mesmo, pela sua universidade, carreira e prestígio. Só o homem estilo Columbo pode vencer, fora e dentro da criminologia, o homem que vai por si, porventura já aposentado, que nada tem a perder, que vai para a realidade dos factos sociais como se nada adiantasse ao mundo aquilo que ele tem a descobrir, pelo menos ao presente que ele também vive intensamente...

Por outro lado, se o homem é um animal intrinsecamente social, também é um animal intrínsecamente espiritual e todos precisamos de uma maneira ou de outra, dos nossos deuses, do nosso Deus, monoteístico ou não, para sobrevivermos. Daí sermos intrínsecamente espirituais, como se precisássemos de comida. Só quem nunca sentiu fome de Deus nunca percebeu o quão Ele é importante nas nossas vidas e enquanto uns vão a correr para a Igreja, como Maria que „saíu apressadamente e pôs-se a correr“, outros não põem lá os pés ou porque se sentem demasiado culpados, ou porque têm desvelo em se sentirem inferiores aos olhos de Deus, em se submeterem ao seu poder beneplácito e ao seu jugo. Ainda assim, Deus não submete ninguém, não humilha ninguém e tudo compreende, especialmente o homem aflito, porque, afinal, ajudar o homem a olhar para dentro de si mesmo, no seu mistério, na sua consagração, na sua união salvífica. Portanto, Deus não nos faz altivos, não é o caso, acreditar em deus é, antes de mais, acreditar em nós mesmos, nos nossos sonhos, nos nossos desideratos, Ele ajuda, mesmo que não percebamos imediatamente essa acção sobre nós, de tão cegos que estamos com o mundo da rua, da TV, das “promenades” e das corridas, andando de um lado para o outro como diabos loucos em procura de Nada, ao invés do Nada. Então, porque não abraçar, abarcar, o Todo. Sim, o Todo de Espinosa, a Totalidade de Lévinas?

Dei a este escrito o título „De Como Nunca se Está Só“. Sim, nunca se está só e o suicídio advém tanto do crime, da agressividade, do distúrbio, quanto da solidão. Num mundo conturbado pelas defeituosas más relações familiares, só os psicólogos parecem ter uma vida perfeita. Só Ronaldo. No entanto, nem todos, muito menos os jovens filósofos, têm medo de Ronaldo ou querem ser Ronaldo... Nem todos, portanto, querem vencer, porque o sujeito que vence, na maior parte dos casos, vence pelos seus, pelo grupo a que pertence e depois recolhe os dividendos disso, dessa aventura e consagração. Eu, podes pensar, sou do clube de Deus, venço por mim mesmo, pelo meu grupo e por Deus. É Deus quem me faz vencer, porque, em certa medida, Ele sou Eu e Eu sou Ele também.

Então, que fazer da solidão, quando percebes que ele é absolutamente social, avassaladora? Talvez pensar na transitoriedade da vida, da tua existência, perceberes que não estarás por aqui muito tempo. Aí, então, percebes que Ele está contigo, que vela por ti, nem que seja para te dar uma boa morte, se é isso que mais temes, porque fizeste de tudo na vida para Ser (especial), para pertencer (a um grupo, a uma sociedade). Aí, começas a viver, de uma forma ou de outro, percebendo que a fome é temporária, que a sede se mata com água da torneira, que precisas de passar fome em nome do teu Deus, porque a tua vida melhorou com a assistência Dele e que para tudo é preciso esforço e abnegação, isto se queres realmente vencer, fazer jus ao teu nome...

Portanto, mesmo que a ajuda do teu Deus esteja longe, acredita que Deus é Pai e um pai preocupa-se com o bem-estar do seu filho, ainda que por vezes prescindia do seu auxílio porque quer que o passarinho voe por si mesmo para fora do nicho, mesmo que tu gostes de estar debaixo das saias da mãe e protelar uma carreira de sucesso e realização, de afirmação do teu Ego, mesmo e antes de mais em termos psicanalíticos. Sim, porque a rosa do deserto é a mais forte, nem sempre é preciso regar a planta, ela procura desenvolver, na sua vida vegetativa, mecanismo de sobrevivência que tu também vais conhecendo e desenvolvendo quanto estás só e cansado e ainda que desorientado pela luta, arvorado em super-herói, em Deus. E como se fazem os deuses, perguntas tu? Com humanidade, muita humanidade, porque estamos longe (ou talvez não) dos deuses gregos e latinos ou do Deus do Antigo testamento, irascíveis, irado, pretensiosos e pouco tolerantes...

## CONCLUSÃO

Portanto, como escolher entre vida religiosa e vida da rua, do mundo? Não devemos pôr as questões nesses termos. A vida consagrada é, à sua maneira, um contrato social, como o casamento e tudo está encerrado entre as quatro paredes dos conventos e Goffman discriminou esta atitude, colocando-a ao lado da vida nas prisões e nos manicômios, a meu ver erradamente. Há uma dimensão da vida consagrada que é sobremaneira escatológica, absolutamente humana. Por isso, ao mesmo tempo, divina, como se a freira ou o monge anunciassem uma outra vida, uma nova vida, uma promessa de futuro, de um mundo que há-de vir, tal como o filósofo afirma a metafísica no seu sentido moral. E a moralidade tem tudo que ver com o Outro e a sociedade, tem tudo que ver com respeito e, apesar de tudo, com a forma como lidamos com o nosso corpo, não fazendo dele um uso mecânico em favor das pulsões mais violentas e loucas, mais doentias e esquizofrênicas, só porque se instalou uma liberdade na liberalidade e no liberalismo de que tudo se posso fazer, constituindo-se como crime a atitude de respeito pelo Outro. Portanto, nunca se está só, digo enquanto antropólogo, tudo leva um tempo, a criação de relações, a fermentação na ausência de sentido, a procura, porque é preciso ter confiança em si mesmo e no mundo (Emerson, Sócrates), porque é preciso continuar, a corrida, a caminhada, o jogo de xadrez, seja o que fôr nesta estadia breve que não sabemos se se repete uma ou outra vez, alguma vez...

David Gilbert (*A Paciência de Ser*) falava nestas instâncias da alma inquieta, que não descansa enquanto não conseguir o seu objetivo, mais ou menos metafísico, de se inserir num determinado contexto, de que falava Geertz e ainda João Pina-Cabral. Ou seja, o Ser disfarça-se (socialmente, intimamente), de não-ser, de não-saber, para se metamorfosear em algo que lhe garante gozo extático e sobrevivência, como se fosse um camaleão ou um mutante. Ele precisa de se disfarçar, nas suas instâncias sobrenaturais e na sua forma de afirmação enquanto ser que partilha do divino, do sobrenatural, porque Deus assim o quer, porque não é agressivo, violento e ainda que o seja, Deus, ironicamente, poderá estar sempre com ele, a seu lado, caminhando na praia, lado a lado e pegando-o ao colo quando este não aguentar mais a passada, para efeitos menos minorativos da existência e do sortilégio do humano.

Assim também, o sujeito faz um corte epistemológico com o mundo, um corte provisório, quando abraça a vida religiosa, porque o contrato social é ao mesmo tempo compromisso e desprendimento, união, fixação e alheamento, o sujeito tanto está cá quanto está lá. Dependendo das personalidade, ele foge a um mundo de stress, de seres desalentados consigo próprios, demasiado atento ao que o outro faz ou deixa de fazer, de seres bastante perturbado, que vêm, por sua vez, a vida religiosa e de entrega a Deus, como um sinal de fraqueza e debilidade, quando é exatamente o contrário: eu sou forte porque estou com deus, estou acompanhando e não só, estou sujeito à sua força que por sua vez é a minha força. Ele é a minha força.

Assim, o homem que crê, que acredita em si acreditando em Deus, fez já como que um enxerto metafísico, ele substituiu o regime do profano e da dúvida pelo regime da fé e da certeza. E isso dá-lhe conforto, mais fé para continuar. Não que a dúvida não seja admitida pela fé, aliás, ela até a fortalece, pois o humano, por si só, claudica em várias fases da sua existência, é normal duvidar, até os santos duvidaram. Mas, fazer da dúvida um modo de vida só se fôr para te sentires verdadeiramente só e enquanto ouves essa palavras, verdadeiro, percebes que, como nos passos na praia, Ele está sempre contigo, porque é carácter do Deus em que acreditas cuidar do homem, do seu objecto da criação, ampará-lo como um pai ampara o seu filho, sem muito sentimentalismo mas também sem muita dureza, porque o outro trabalho advém de Maria, que quer o bem do filho e sofre quando ele cai por si mesmo, na estrada do pecado, envolto em corpos desregrados, em corrupções económico-financeiras, no escândalo de um circo onde o que o povo quer mais é festa, mais e mais festa, mais e mais diversão, talvez para esquecer ou pelo menos mascarar, uma vida vazia de sentido...